

REVISÃO NA REDE: UMA ANÁLISE DE MATERIALIDADES SIGNIFICANTES SOBRE O TRABALHO DO REVISOR

Debbie Mello Noble¹

Neste trabalho, buscarei realizar, pelo viés da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, um breve exercício de análise dos discursos sobre o trabalho do revisor de textos, que circulam na rede. O lugar de revisor de textos está presente em editoras, gráficas, agências de publicidade, redação de jornais, revistas, instituições governamentais e em empresas de diversos segmentos diferentes.

Com as novas tecnologias, o profissional de revisão não perdeu espaço, pelo contrário, aperfeiçoou-se, sendo a necessidade de seu trabalho fortalecida no meio digital. Dessa forma, também os discursos que circulam sobre seu trabalho ganharam força através de comunidades on-line e blogs, os quais trazem, repetidas vezes, marcas de humor para abordar a questão.

Como corpus, analisarei três materialidades significantes, todas compostas de materialidade verbal associada à materialidade não verbal: um *card* de Facebook, um infográfico e uma charge, dos quais recortarei algumas sequências discursivas e analisarei como açãoam uma memória discursiva acerca do que é/faz/deseja o revisor de textos. A partir delas, pretendo observar que pré-construídos retornam na rede acerca do trabalho do revisor de textos, e de que forma os sentidos dessas materialidades se constituem histórica e linguisticamente.

Para compreendermos as noções de pré-construído e memória discursiva adotadas aqui, podemos afirmar, com Pêcheux, que há “um todo complexo com um dominante” (1995, p. 162), o interdiscurso, de onde é possível que intervenham os pré-construídos pelo acionamento de uma memória, a qual possibilita, dá condição

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem – Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas pelo PPG Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES/Fapergs. E-mail: debbiemnoble@gmail.com

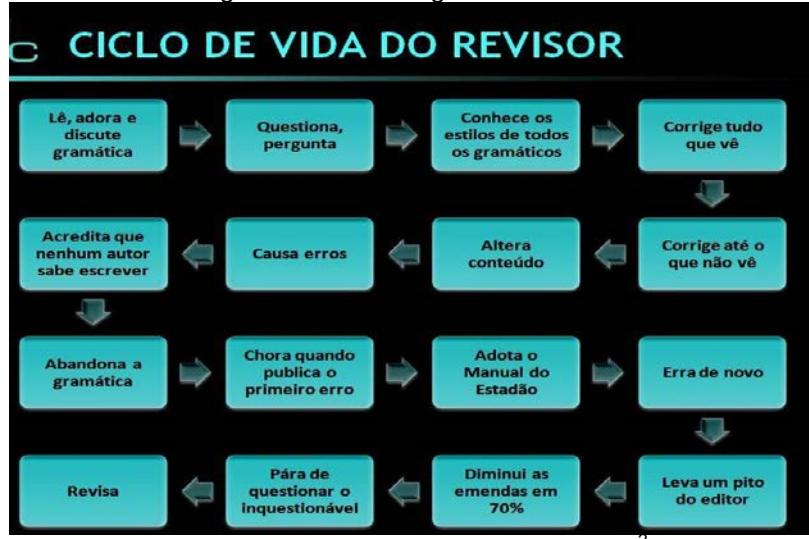
ao que está sendo dito na atualidade e, por isso, fará sentido ao sujeito que se depara com esse discurso.

Ainda segundo Pêcheux (1995, p. 164), o pré-construído “corresponde a algo já existente que fornece-impõe a realidade e seu sentido”. Da mesma forma, analisaremos como a memória discursiva funciona nesses discursos de forma a contribuir para a formação dos sentidos possíveis sobre o revisor de textos, já que, nas palavras de Pêcheux, a memória é “um corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos em que se encontra a própria condição para produzir e interpretar”.

Na mesma linha, Orlandi (2012, p. 33) vai afirmar que “A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. Para Courtine (1999), a memória pode ser *saturada* ou *lacunar*, sendo a primeira o que possibilita que determinados sentidos sejam acionados pelos pré-construídos, e a segunda nos diz que a memória possui falhas e, assim, abre espaço para o novo.

Assim, na figura 1, a seguir, temos alguns dizeres que correspondem ao imaginário do “ciclo de vida do revisor”. Interessante observar que a referência não é ao *ciclo de trabalho* de um revisor de textos, mas sim à sua vida, trazendo à tona, imediatamente, o lugar social que o sujeito ocupa na formação social capitalista, confundindo-se com sua individualidade. Aqui já temos um primeiro movimento indicando o trabalho da ideologia, uma vez que essa confusão entre o que o sujeito é e o que o sujeito *faz* aparece como evidente. Vejamos:

Materialidade Significante 1 – Infográfico Ciclo de vida do revisor



Fonte: Estrutura e Comunicação (2010)².

Dessa materialidade, então, recortamos a primeira e a última sentença de cada linha, observando os sentidos possíveis para o que seriam as diferentes fases do ciclo do revisor:

- 1 - *Lê, adora e discute gramática/Corrigé tudo que vê*
- 2 - *Corrigé até o que não vê/acredita que nenhum autor sabe escrever*
- 3 - *Abandona a gramática/errá de novo*
- 4 - *Leva um pito do editor/para de questionar o inquestionável/revisa*

Assim, observa-se que, para um primeiro momento da “vida de revisor”, aciona-se um pré-construído de um sujeito que centra suas correções (e sua vida) na gramática, corrigindo *tudo* o que vê. Ressalte-se a expressão *tudo*, que nos leva à ilusão da completude do sujeito. No que seria a segunda fase, temos a construção de um imaginário de sujeito soberano e até arrogante, uma vez que, após “corrigir até o que não vê”, tem a ilusão do controle dos dizeres, e se percebe um escritor melhor que o autor dos textos que corrige.

² Disponível em: <<http://estruturaecomunicacao.com.br/mercado-editorial/palestra-sobre-revisao-de-textos-na-puc-campinas>>. Acesso em: 20 maio 2015.

Na terceira fase delimitada por nós, o sujeito parece mudar sua concepção de revisão, marcado pelo gesto de abandono da gramática, porém, há, aqui, o funcionamento da memória saturada, uma memória que é da ordem do discurso pedagógico: ao trazer que o abandono da gramática leva ao erro, aciona um pré-construído de que sem a gramática não há texto correto, e que o erro é condenável, passível de reprovação. Assim, é possível entender que um revisor sem gramática é um revisor fadado ao erro, e até ao fracasso.

Da quarta fase, selecionamos três dizeres que se complementam: *Leva um pito do editor/ para de questionar o inquestionável/revisa*. Esses dizeres, por sua vez, afirmam ser necessário “levar um pito do editor”, ou seja, ser chamado à atenção por um superior, só assim parando de questionar o que seria “inquestionável” e passando a revisar. Aqui há um acionamento de uma memória lacunar, uma vez que muitas possibilidades são abertas para *inquestionável* e *revisa*: o que é inquestionável no trabalho do revisor? Quais os sentidos possíveis para *revisa*? Parece-nos, assim, que em todo o *ciclo de vida* o revisor não revisou, e só começa a efetivamente revisar no final (de sua vida? De sua carreira?).

Observemos a figura 2:

Materialidade Significante 2 – Card Olhadinha



Fonte: Página do Blog *Revisão para quê?* no Facebook³.

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/revisaoparaque/photos/pb.154901354607473.-2207520000.1442256056./802213886542880/?type=1&theater>>. Acesso em: 13 agosto 2015.

O que não está dito nessa materialidade significante retorna por meio do dito: é preciso afirmar e reforçar que “revisão não é lidinha/olhadinha”, porque talvez hajam já-ditos que afirmam que *revisão* é *olhadinha*. É preciso também reforçar que *revisão* é *trabalho sério*, em contraponto ao que está se silenciando, *revisão* não é *trabalho sério*, é *olhadinha*, dizer que insiste em retornar do interdiscurso com relação ao trabalho do revisor. Ainda, observamos o próximo recorte:

Não é feita por alguém que “manja tudo de português”, mas por alguém que, além disso, estuda todos os dias, busca atualização e sabe de fato o que está fazendo.

Esse recorte vai ao encontro do ciclo do revisor analisado anteriormente, uma vez que aborda novamente um pré-construído sobre os conhecimentos que o revisor deve ter/tem em relação à língua.

A partir disso, lembramos que um discurso é dotado de sentidos a partir do momento em que se inscreve em determinadas condições sócio históricas e ideológicas, recebendo o sentido conforme a formação discursiva em que é produzido. Embora ambas as materialidades se filiem ao que denominarei *Formação Discursiva do Trabalho do Revisor*, que indica o que pode e deve ser dito sobre o trabalho do revisor, e o que não pode e não deve ser dito sobre isso, neste último recorte observado, vemos uma posição-sujeito distinta daquela da materialidade 1. Após a apresentação da materialidade significante 3, veremos que posições-sujeito são essas.

Assim, se conforme afirma Cazarin (2010, p. 110), “o que pertence propriamente a uma FD e o que permite delimitar o grupo de enunciados, apesar de díspares, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos são relacionados uns aos outros”, passamos à análise da materialidade 3, a fim de observar de que forma esses enunciados se relacionam entre si.

Materialidade Significante 3 – Charge Manifestações do Revisor



Fonte: Blog de Revisão Laura Moreira⁴.

A partir dessa materialidade, podemos observar mais uma vez a questão da língua sendo abordada em algumas das placas de manifestação simbolizadas na imagem:

*Não ao (des)acordo ortográfico
Regras claras para o hífen
Pela volta do trema
A gramática tá dramática*

Considerando que não só o sujeito se constitui na/pela língua, mas também é sob suas bases que se alicerça o trabalho do revisor, importante se faz compreender que imaginários de língua estão sendo abordados nessas materialidades e de que forma elas definem as posições-sujeito dessa FD. Como vimos nas materialidades apresentadas, a *gramática* é elemento constante nos dizeres sobre o trabalho do revisor, ela se constitui em uma necessidade do seu trabalho, porém, deixa de ser um instrumento para o sujeito-revisor, e se torna parte de sua vida na materialidade 1. Na materialidade 3, também a *gramática* aparece como parte fundamental das reivindicações de um revisor. Somente na materialidade 2 é que teremos um leve deslizamento de sentidos quando se afirma que a revisão *não é feita por alguém que “manja tudo de português”* (conhece bem a *gramática*) com o restante da sentença:

⁴ Disponível em: <<http://lau2m.com.br/os-revisores-tambem-querem-se-manifestar/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

mas por alguém que, além disso, estuda todos os dias, busca atualização e sabe de fato o que está fazendo.

Assim, nas materialidades 1 e 3, temos uma posição-sujeito que traz como sentido evidente um imaginário de “língua de madeira”, a língua da gramática, da normatividade, cujas regras são imprescindíveis ao trabalho do revisor, chegando mesmo a se constituir como parte de sua vida. Na materialidade 2, percebemos uma posição-sujeito distinta, um pouco mais distanciada deste imaginário, uma vez que remete à necessidade do revisor em entender a língua portuguesa para realizar seu trabalho, mas afirma que só o conhecimento/entendimento da língua não basta; é preciso, também, estudo, atualização e saber o que está fazendo.

Nesta Formação Discursiva do Trabalho do Revisor, então, se pode e deve dizer, sobre o trabalho do revisor, que este precisa saber o que está fazendo (o sujeito consciente e senhor de sua vontade), “manjar [entender] tudo de português”, saber debater e reivindicar clareza nas regras gramaticais, não questionar o inquestionável, obedecer o editor, não abandonar a gramática, revisar (ou fazer o seu trabalho sem questionar), se atualizar e estudar todos os dias. As três materialidades se filiam à mesma formação discursiva por pautarem, ou tentarem pautar o que é e o que não é o trabalho do revisor. Porém, é perceptível o funcionamento de duas posições-sujeito distintas, afinal, “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar [...] que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1993, p. 314). Portanto, essa afirmação de Pêcheux nos lembra da heterogeneidade que marca uma FD, já que os sujeitos se inscrevem nos discursos produzidos e podem ocupar diferentes posições em um mesmo discurso.

REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. In: A pesquisa em Análise do Discurso no PPG-Letras/UFRGS e sua expansão institucional. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v. 24, n. 48, p. 103-118, Porto Alegre, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Papel da Memória. In: DAVALLON, Jean; ACHARD, Pierre; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. ORLANDI, Eni (Org.). São Paulo: Pontes, 1999.

_____. Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa. In: _____. *Análise de Discurso*. ORLANDI, Eni (Org.). São Paulo: Pontes, 2011.